

Cacau

*da riqueza da Bahia
às fabricas pioneiras de São Paulo*

Renata Geraissati Castro de Almeida.
Colaboração Diogenes Sousa.
Arte Eduardo Grigaitis



Diretora: Adriana Rizkallah

*J*á estamos habituados a, entre fins de março e início de abril, nos depararmos com o colorido das embalagens dos ovos de páscoa, decorados das mais diversas formas e recheados com inúmeros ingredientes. Variadas são as hipóteses sobre a vinculação da data com o famoso coelho, associado com a fertilidade, e o ovo, símbolo de vida e renascimento.

Sabe-se que a tradição pagã da troca de ovos no equinócio da primavera, dia 21 de março no hemisfério norte, que celebrava o fim do inverno, foi incorporada à tradição cristã e o ovo passou a simbolizar a ressurreição de Jesus.

E como são as nossas relações com a matéria-prima do chocolate tão presente no nosso dia-a-dia?





Atualmente o Brasil é o sétimo maior produtor de cacau no mundo, ficando atrás apenas da Costa do Marfim, Gana, Indonésia, Nigéria, Equador e Camarões. Segundo dados da Associação das Indústrias Processadoras de Cacau (AIPC) o país exportou no ano de 2021, 33.521 toneladas de chocolate e 54.756 toneladas de derivados do cacau, gerando uma receita de 226 milhões de dólares. Os principais mercados do país são respectivamente Argentina, Estados Unidos e Chile. Três cacauicultores brasileiros figuram entre os 50 melhores do mundo no Prêmio Cacau de Excelência (Agência Brasil, 2022)

O Brasil já foi o segundo maior produtor de cacau do mundo, com o ciclo do cacau se concentrando no sul da Bahia, promovendo uma intensa urbanização na região. Pensar no cacau, fruto que compõe nossa história e memória afetiva por meio do chocolate, é fazer uma viagem no tempo e no espaço, mais precisamente na região de Ilhéus, sul da Bahia, no século XVIII, quando o francês Louis Frederic Warneaux doou ao português Antônio Dias Ribeiro algumas sementes deste fruto, uma importante fonte de cobre, originário da Amazônia.

Um fator fundamental para o sucesso do cultivo do cacau foi o habitat perfeito em função da riqueza dos solos de massapê aliado à alta umidade por conta das frequentes chuvas. Contudo, a lavoura

cacaueira só passou a existir como atividade econômica em fins do século XIX, período em que a Vila São Jorge dos Ilhéus foi elevada à categoria de cidade.

Nessa época, Ilhéus já contava com cento e vinte casas de comércio e estabelecimentos industriais, duas escolas primárias, duas farmácias e algumas igrejas como a Matriz de São Jorge, a Capela de São Sebastião e a Capela de Nossa Senhora da Vitória (OLIVEIRA, 2008).

O cacau foi a mola propulsora para o crescimento econômico e urbano de Ilhéus e seu entorno. A iluminação a querosene, por intermédio de lâmpões belgas, chegou na cidade também no fim do século XIX. Sales (1981, p. 14), afirma que “em 1904, o cacau se tornou o primeiro produto da pauta de exportações da Bahia e o principal sustentáculo regional”.

Com a expansão da lavoura cacaueira, se fazia necessária uma alta concentração de força de trabalho no campo, o que implicou em milhares de trabalhadores rurais. Expansão



Embarque de cacau em Ilhéus 1940.



que também atraiu comerciantes de vários lugares do país e até do mundo.

Estes fatores acarretaram num aumento expressivo da população de Ilhéus que, na década de 1920, já contava com cerca de 64 mil habitantes (SOARES, 2008, p. 67). De acordo com censo do IBGE de 2010, a população de Ilhéus é de cerca de 177 mil habitantes.

Enquanto o cacau impulsionava o crescimento socioeconômico de Ilhéus, novos equipamentos urbanos eram implantados na cidade, como ruas com calçamento, praças ajardinadas etc., que implicavam em transformações espaciais e também no modo de vida da população.

As praças se tornaram local ideal de encontro e sociabilidade, principalmente nos fins de tarde

e finais de semana, das diferentes classes sociais. Eram nessas praças que a elite cacauceira, formada por ricos fazendeiros, se encontrava para discutir o preço do cacau no mercado externo (SOARES, 2008).

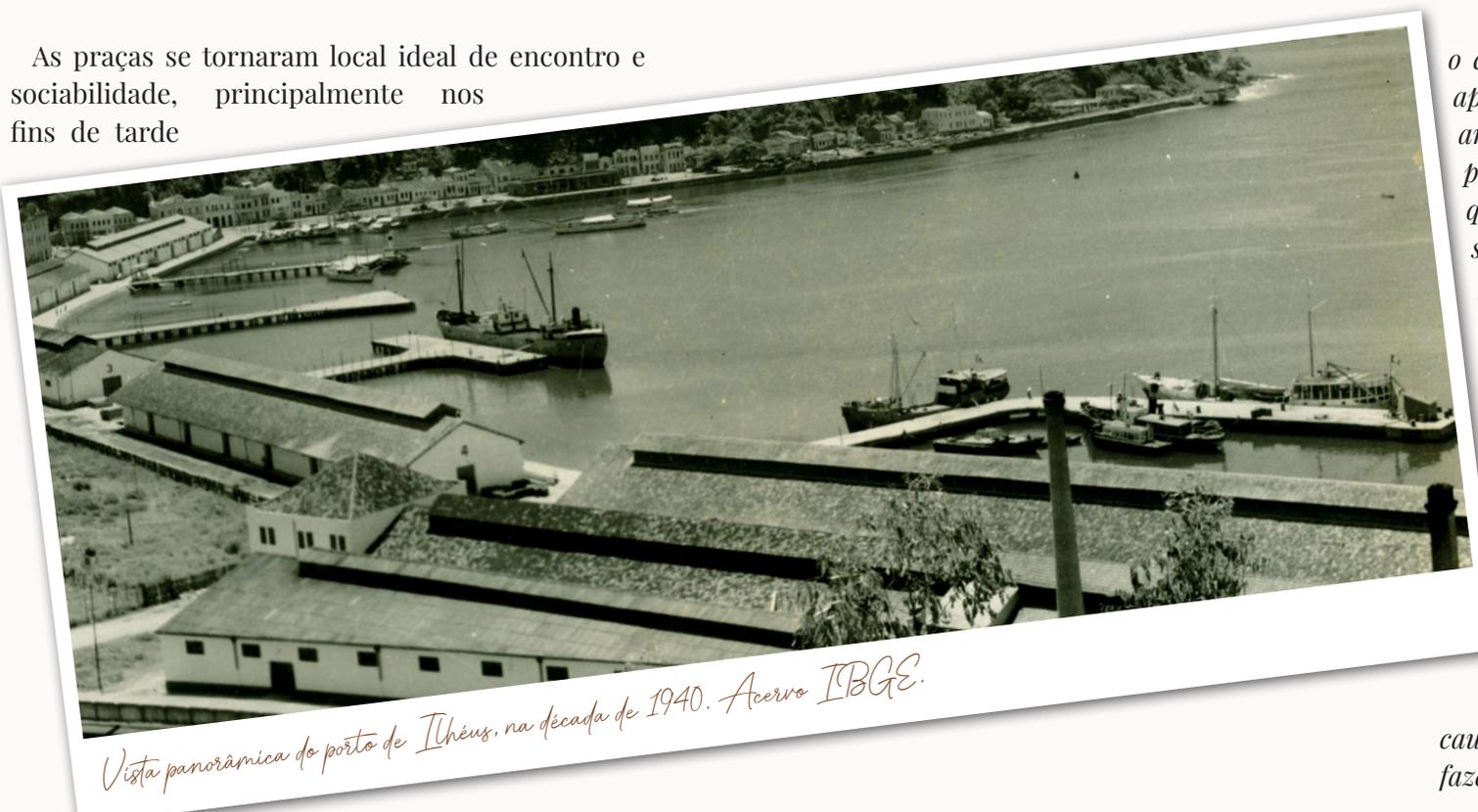
Este próspero período econômico vivido por Ilhéus em função da cultura do cacau foi bem assinalado por Jorge Amado (1975, p.11):

progresso era a palavra que se ouvia em Ilhéus e em Itabuna naquele tempo. Estava em todas as bocas, insistentemente repetida. Aparecia nas colunas dos jornais, no quotidiano e nos semanários, surgia nas discussões na Papelaria Modelo, nos bares, nos cabarés. Os

ilheenses repetiam-na a propósito das novas ruas, das praças ajardinadas, dos edifícios no centro comercial e das residências modernas na praia, das oficinas do diário de Ilhéus [...]. É o progresso! Diziam-no orgulhosamente, conscientes de concorrerem todos para as mudanças tão profundas na fisionomia da cidade e nos seus hábitos. Havia um ar de prosperidade em toda parte, vertiginoso crescimento.

Com a maestria que lhe foi atribuída por conta de seus contos e romances sobre o cotidiano baiano, a obra de Amado traz à tona as sutilezas escondidas entre os pés de cacau.

“As folhas secas dos cacauzeiros tapetavam o chão, onde as cobras esquentavam no sol após as longas chuvas de junho. Os frutos amarelos pendiam das árvores como lâmpadas antigas. Maravilhosa mistura de cor que tornava tudo belo e irreal, menos o nosso trabalho estafante”. Com essas palavras, Jorge Amado descreve a paisagem dos cacauzeiros, marcados pelo colorido e também por um árduo trabalho: “às sete horas já estávamos a derrubar os cocos de cacau, depois de haver afiado nossos facões jacaré, na porta da venda”, porém a jornada começava bem antes “às cinco horas da manhã o gole de pinga e o prato de feijão nos davam forças para o trabalho do dia” e marcas eram deixadas no corpo “os meus pés começavam a adquirir uma crosta grossa formada pelo mel de cacau que os banhos no ribeirão não tiram e que fazem de calçar uma botina enorme sacrifício”.



Vista panorâmica do porto de Ilhéus, na década de 1940. Acervo IBGE.

O segundo romance escrito por Jorge Amado, *Cacau*, foi publicado em 1933, e retrata a história dos trabalhadores das fazendas de cacau no sul da Bahia.

A edição foi apreendida pela polícia (não podemos nos esquecer que vivíamos o governo provisório Vargasuista) e se tornou bastante popular, esgotando após vender mais de duas mil cópias em 40 dias, sendo traduzida em mais de dez idiomas.

Em nota o autor expõe que tentou “contar neste livro, com um mínimo de literatura para um máximo de honestidade, a vida dos trabalhadores das fazendas de cacau do sul da Bahia.

Será um romance proletário?”

Nascido em Itabuna, sul da Bahia, em uma família abastada de cacauzeiros, cursou direito na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, foi agraciado com inúmeros prêmios internacionais e comendas que mostram seu papel como um dos principais escritores da literatura brasileira.

Sua obra marcada por um tom político mostra sua filiação ao Partido Comunista. Sua militância o fez ser preso pela primeira vez em 1936, em Natal, primeira detenção por subversão. Foi novamente preso em 1937, em Manaus e exilado na Argentina e no Uruguai em 1941.

Ao voltar para o Brasil em 1945, se tornou deputado federal pelo Estado de São Paulo e fez parte da Assembleia Constituinte, em 1948. Após seu mandato ser cassado, foi residir em Paris.

As relações de trabalho que surgiam nos cacauzeiros são explicadas em seu romance que acompanha a tomada de consciência social e política de um lavrador, filho de industrial decaído, que por um período breve trabalha como operário fabril até ir trabalhar nas fazendas de cacau.

Nas descrições de Amado, a colheita era realizada por dois tipos de regime de trabalho: as “empreitadas com trabalhadores”, uma espécie de contrato em que os trabalhadores se comprometiam a colher a roça do começo ao fim, e os diaristas que cumpriam as mais diversas tarefas em uma forma de serviço avulso e compunham a maior parte da força de trabalho.

As poucas opções de trabalho para os homens na

região, é expressa na frase “o filho comia, crescia e ia embora ou para os cafezais de São Paulo ou para os cacauais de Ilhéus”, uma vez que o trabalho industrial era restrito ao gênero feminino: “os homens emigravam, dizendo que “trabalhar em fiação só pra mulher”.

Em sua obra mais famosa *Gabriela, Cravo e Canela* (1958), mais uma vez o cacau assiste ao romance entre a sertaneja Gabriela e o sírio Nacib na Ilhéus profundamente mudada social e economicamente.

O ciclo econômico gerado pela semente com o “cacau em constante alta, significava ainda maior riqueza, prosperidade, fartura, dinheiro a rodo” que implicavam nos:

“filhos dos coronéis indo cursar os colégios mais caros das grandes cidades, novas residências para as famílias nas novas ruas recém-abertas, móveis de luxo mandados vir do Rio, pianos de cauda para compor as salas, as lojas sortidas, multiplicando-se, o comércio crescendo, bebida correndo nos cabarés, mulheres desembarcando dos navios, o jogo campeando nos bares e nos hotéis, o progresso enfim, a tão falada civilização”

Contudo, seu romance regionalista traz também uma crítica a essa sociedade patriarcal, arcaica e autoritária. Em sua narrativa estão presentes diversas oposições entre velho/novo, atraso e progresso, tradição e modernidade, velha oligarquia e nova ordem política, passado e futuro, tentando dar conta do momento de amplas transformações sociais pelas quais o país passava.



Cacau e Gabriela Cravo e Canela. Dois dos romances de Jorge Amado que abrangem o ciclo do cacau no sul da Bahia.



Propaganda antiga dos chocolates Falchi

Mudanças que perpassam também os hábitos alimentares.

Na capital do país, o Rio de Janeiro, a fábrica de chocolates Andaluza, dizia ser “a primeira nos Estados Unidos do Brasil, fundada em 1864”, frisando que seus produtos eram “sem similares no país” (p.665), na cidade também estavam a fábrica Bhering e a Adolpho Freire.

No Estado de São Paulo, em Campinas, funcionava a Nicolau Purchio & Filho, e na cidade de São Paulo, dividindo a Rua Florêncio de Abreu com a Casa da Boia, estava a Fábrica de Chocolates premiada em diversas exposições: a Falchi e Irmãos.

A empresa foi criada em 1885, por três irmãos italianos, Panfilio, Emidio e Bernardino Falchi, posteriormente, entraram como sócios os irmãos italianos Angelo e Fortunato Giannini, mudando o nome da empresa para Chocolates Falchi & Giannini.

A fábrica foi premiada nas exposições do Rio de Janeiro em 1908 e de Turim em 1911, eventos em que a Casa da Boia também foi agraciada com o diploma de ouro.

Um de seus famosos produtos era o chocolate Antônio Prado, homenageando o primeiro prefeito de São Paulo, história que contamos em nosso editorial São Paulo 469, Casa da Boia, 125.

O cacau, foi vital para o processo de urbanização da região do sul da Bahia, e a organização social e do trabalho para seu cultivo imprimiu marcas nos clássicos de nossa literatura e deixou sua marca na maior capital do País.



Loja da Sönsesen, no centro de São Paulo



Loja da Kopenhagen no Itaim.



Fábrica da Lacta, no Paraisópolis

Bibliografia

ALMANAK Administrativo, Mercantil e Industrial do Rio de Janeiro. 1905.

AGÊNCIA BRASIL. Brazil: 7th largest cocoa producer in the world. 08 de julho de 2022. Disponível: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/en/economia/noticia/2022-07/brazil-7th-largest-cocoa-producer-world>

AMADO, Jorge. Cacau. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

AMADO, Jorge. Gabriela, Cravo e Canela. 51. ed. São Paulo: Record/Martins, 1975.

ARARIPE, G. V. Plano de Desenvolvimento Local Integrado do Município de Ilhéus – 1969.

BBC NEWS BRASIL. Páscoa: por que ovos e coelhos são símbolos da data? 30 de março de 2018, Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-43577512#:~:text=Na%20Idade%20M%C3%A9dia%2C%20houve%20quem,atribuem%20sua%20origem%20aos%20chineses.>

OLIVEIRA, O. M. G. de. A expansão urbana da cidade de Ilhéus, Bahia e a ocupação dos manguezais: o caso do bairro São Domingos. Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental Urbana da Universidade Federal da Bahia, Salvador-BA, 2008.

MOON, Peter. Agência FAPESP. História genética do cacau no Brasil é descrita. 11 de janeiro de 2017. Disponível em: <https://agencia.fapesp.br/historia-genetica-do-cacau-no-brasil-e-descrita/24594/>

SALES, F. Memória de Ilhéus. São Paulo: GRD, 1981.

SOARES, L. A. S. Contemporâneos de seu passado: personagens do desenvolvimento gerado pelo turismo em Ilhéus-BA. Anais do XI Encontro Nacional de Turismo com Base Local. Turismo e Transdisciplinaridade: novos desafios. Niterói, 12 a 14 de abril de 2008.

A photograph of cocoa beans and pods on a wooden surface. The pods are dark brown and textured, with some green leaves scattered around. One pod is open, showing the beans inside. The background is a rustic wooden plank surface.

CASA DA
BOIA

METAIS E HIDRÁULICA
DESDE 1898

Diretor: Mario Rizkallah
abril, 2023